

A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA LÍNGUA INGLESA

Cristiane Monteiro da Silva¹

Isabela Kerber Ribeiro²

Keila Cristina Crestani³

Bruna Dancini Godk⁴

RESUMO

A música, além do conceito puramente artístico, pode ser entendida tanto como uma ferramenta de interação social quanto um instrumento pelo qual são transmitidos diversos tipos de conhecimentos. Na antiguidade, povos como os egípcios e os gregos tinham a música como um recurso formador de caráter e responsável por transmitir valores. Atualmente, a música é utilizada como forma de diversão e, ao mesmo tempo, de comunicação e integração na sociedade. Ao examinar o modo com o qual a música é empregada no contexto educacional, nos deparamos com inúmeras possibilidades que o seu uso proporciona aos estudantes que se encontram na educação infantil ou no ensino fundamental anos iniciais. No entanto, ao buscar as mesmas vantagens voltadas ao ensino fundamental anos finais e médio, constata-se uma carência em relação a estudos que abordem esta questão. Portanto, foi realizada a revisão bibliográfica com o objetivo de levantar dados sobre o panorama da música e sua trajetória até os dias atuais, bem como os benefícios que ela proporciona no ensino-aprendizado como um todo e, posteriormente, enfatizando o ensino da Língua Inglesa. Em vista disso, um

¹ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário.
E-mail: cristiane.silva@mail.fae.edu

² Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário.
E-mail: isabela.k.ribeiro@mail.fae.edu

³ Aluna do 7º período do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário.
E-mail: keila.crestani@mail.fae.edu

⁴ Orientadora da pesquisa. Mestra em Estudos Literários pela UFPR. Professora da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II. *E-mail:* godk.fae.edu

plano de aula foi elaborado visando contemplar os benefícios da música relacionados ao ambiente favorável à aprendizagem construído em sala e ao desenvolvimento de habilidades linguísticas, tendo como foco o *listening* e o *speaking*. Para melhor compreensão das atividades contidas nele, foi também elaborado uma sequência didática que mostra o passo-a-passo das atividades a serem realizadas com os discentes do ensino fundamental anos finais e ensino médio da rede pública de ensino.

Palavras-chave: Música. Ensino-Aprendizagem. Língua Inglesa. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A música desempenha um importante papel nas diversas sociedades que a relacionam como um instrumento de comunicação coletiva e/ou pessoal. Pode-se citar como exemplo a Antiga Grécia, onde a música era vista como um objeto de grande valor e importância para a formação do ser humano e os músicos eram respeitados, pois eram os guardiões de uma ciência e de uma técnica.

De fato, a influência da música na sociedade ultrapassa tempo e espaço, pois ela pode ser encontrada tanto em civilizações antigas como também na contemporaneidade. Apesar das diferenças culturais, regionais e temporais, a música sempre esteve presente para comunicar ideias e sentimentos, sejam esses pessoais e/ou coletivos.

Com o avanço da tecnologia, no século XX a música alcança um novo patamar de presença na sociedade. As ferramentas tecnológicas permitem que sejam compartilhados, em uma escala global, diferentes gêneros musicais interligados com suas ideologias, proporcionando assim, a conexão de pessoas de um hemisfério a outro e a ampliação das visões de mundo.

Além de proporcionar acesso às diferentes culturas nacionais e estrangeiras, a música também apresenta alto potencial como ferramenta de ensino, pois engloba aspectos linguísticos e sonoros que propiciam o aprendizado. Quando aplicada com o intuito de ensinar, a música possibilita a interação entre alunos e professor(a) e a aprendizagem de conteúdo, seja esse das áreas de humanas ou exatas.

O presente artigo tem como tema apresentar a relevância do uso da música como ferramenta de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Inglesa. A partir da pesquisa acerca dos benefícios que o uso da música possibilita aos alunos, dando maior ênfase a já citada disciplina, constatou-se uma carência de estudos bibliográficos e empíricos referentes à aplicabilidade da música aos discentes que estão cursando o ensino fundamental anos finais e o ensino médio.

Para tanto, o objetivo geral é revisar o modo com o qual a música é trabalhada no ensino da Língua Inglesa. Assim sendo, os objetivos específicos são:

- Revisão bibliográfica a respeito dos fatores históricos, sociais e linguísticos da música, considerando a trajetória desde a antiguidade até os dias atuais, tendo como respaldo os estudos de Wiora (1961) e Merriam (1964).
- Revisão bibliográfica sobre a influência e os benefícios da música como ferramenta lúdica em sala de aula para o ensino de língua estrangeira. Esta pesquisa foi amparada no estudo de autores como Piaget (1923) e a proposta do desenvolvimento cognitivo da linguagem, Andrade (2012) e a música como atividade mediadora na aprendizagem e Krashen (1985) com a teoria sobre aquisição da segunda língua.

- Revisão bibliográfica acerca da utilização da música, com enfoque no ensino da Língua Inglesa, como ferramenta que possibilita criar um ambiente amistoso e convidativo ao aprendizado, além também de proporcionar o melhor relacionamento entre professor e aluno. Esta pesquisa teve como embasamento os estudos de Sá (2011), a respeito da importância do ambiente e relacionamento em sala de aula e, nos estudos de Gobbi (2001), que abordam tanto como a música deve ser explorada no seu aspecto sociocultural quanto no seu aspecto linguístico.
- Finaliza-se com o estudo de Nobre et al. (2016), que traz os aspectos essenciais de um plano de aula e com Richards (2006) e Willis (1996), que abordam o *Task-Based Instruction* (TBI), uma ferramenta metodológica que permite abordar com detalhes como a aula procederá de uma atividade para outra.

Dessa maneira, justifica-se agregar ao âmbito educacional uma pesquisa que tenha como foco o ensino da Língua Inglesa por meio da utilização da música como aparato lúdico. Para tanto, será desenvolvido um plano de aula voltado para os alunos do ensino médio da rede pública de ensino do estado do Paraná. Para cumprirmos com esse objetivo, a metodologia utilizada neste artigo foi uma abordagem comunicativa com ênfase em *Task-based Instruction* (TBI), que pode ser melhor analisada por meio da sequência didática desenvolvida e presente no corpo do texto deste artigo, sendo posteriormente adaptada ao modelo de um plano de aula.

1 MÚSICA: UM PANORAMA HISTÓRICO, SOCIAL E LINGUÍSTICO

A música, de acordo com o dicionário Priberam (2019), em um significado denotativo, consiste em uma expressão da arte que combina os mais diversos sons de forma organizada e melodiosa com intenções estéticas, artísticas ou lúdicas. Contudo, a música também é compreendida como a “linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio” (BRASIL, 1998, p.45). Esta linguagem artística comporta uma enorme carga histórica, social, cognitiva e linguística.

Segundo os estudos de Wiora (1961), a música pode ser analisada em quatro⁵ grandes fases históricas, iniciando com a pré-história e as músicas dos povos primitivos

⁵ As quatro grandes fases históricas da música, segundo Wiora (1961), são: 1ª fase) pré-história, com o uso da música pelos povos primitivos até a música popular arcaica. 2ª fase) desenvolvimento da música nas civilizações antigas que possuíam uma rica cultura, como a Mesopotâmia, Egito e Grécia. 3ª fase) O crescimento da música na Idade Média, tendo como marco o surgimento da música no Ocidente. 4ª fase) resumidamente, a última fase consiste na música da era Industrial do século XX.

até a era Industrial do século XX. A importância deste estudo está na possibilidade de analisar a interação da sociedade com a música, seja nos momentos em que essa estava ligada à vida de uma comunidade, possibilitando uma ambientação geral; ou na contemporaneidade, com os meios tecnológicos que permitem compartilhar diversos gêneros musicais e ideológicos, proporcionando uma forma de ampliar a visão de mundo e conectar pessoas de um hemisfério a outro.

Entretanto, para Merriam (1964) a música está além do aparato sonoro. Ao estudar a música como um fenômeno humano produzido e interligado em diferentes situações sociais, principalmente presente em sociedades ágrafas, o antropólogo distingue, terminologicamente, o “uso” da “função” frente aos grupos sociais que ele analisou. Segundo Merriam (1964, p. 209), ao observar o “uso” da música, os alunos tentam, diretamente, aumentar o conhecimento factível, ou seja, aqueles fatos que são apresentados na letra da música. Diferentemente do que acontece quando é avaliada a “função” da música, momento no qual “ele [o aluno] tenta aumentar seu conhecimento factual indiretamente, através da compreensão mais profunda do significado do fenômeno que ele estuda” (MERRIAM, 1964, p.209).

Esta “função” parte de uma avaliação analítica que decorre da avaliação popular, advinda do “uso” da música. Como exposto por Merriam (1964) o discente aprende sobre os valores culturais de uma dada sociedade analisando textos de músicas a partir dos dados folclóricos e analíticos presentes neles, pois esses aspectos culturais desempenham funções sociais que expressam diferentes valores. O sentido em que esses termos são utilizados se refere ao entendimento de que a música é documentada (uso) por e para seres humanos e, que ao ser avaliada de maneira externa (função), busca aumentar a gama de compreensão por meio dela.

Ao dar continuidade em seus estudos, o autor então, estipula dez⁶ categorias que classificam as funções sociais da música. Para prosseguir com os objetivos deste artigo, focalizaremos apenas em três funções, sendo elas: a função de divertimento (tendo como foco o lúdico em sala de aula), de comunicação (ao utilizar de um acervo linguístico para produzi-la) e de contribuição para a integração da sociedade (ampliando-o para a integração de sociedades que possuem idiomas diferentes).

⁶ As dez funções da música, segundo Merriam (1964), são: 1) função de expressão emocional; 2) função de prazer estético; 3) função de divertimento; 4) função de comunicação; 5) função de representação simbólica; 6) função de reação física; 7) função de impor conformidade às normas sociais; 8) função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; 9) função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; 10) função de contribuição para a integração da sociedade.

No QUADRO 1 é possível conhecer sucintamente as principais contribuições de Merriam (1964) a respeito das funções sociais da música, como também alguns pontos essenciais de outros autores sobre como ampliar e colocar em prática essas funções em sala de aula.

QUADRO 1 – Funções Sociais da Música

Função social	Autores	Principais contribuições
Função de divertimento	Merriam (1964)	Afirma que a música exerce uma função de diversão em todas as sociedades.
	Freire (2010)	Música “popular” e “folclórica” são as que, frequentemente, aparecem com essa função.
	Takatsu (2016, p.24)	A música pode ser utilizada como um recurso lúdico em sala de aula, pois, “auxilia envolvendo o aluno, sendo um grande motivacional para a aprendizagem da matéria, independentemente da sua complexidade”.
Função de Comunicação	Jardim (1988) e Cassirer (1977)	Afirmam ser a música uma forma de linguagem, pois ela articula sentidos que são transmitidos por meio das “formas”7.
	Gomes (2012).	A música possibilita aos discentes uma atividade controlada. Permite ao professor trabalhar diversos aspectos linguísticos e gramaticais utilizando da letra da música para ensinar a gramática contextualizada.
Função de contribuição para a integração da sociedade	Merriam (1964, p. 226)	A música promove “um ponto de união em torno do qual os membros de uma sociedade se congregam”.
	Freire (2010, p.56).	A música “só pode ser transmitida e compreendida se houver associações entre os indivíduos”.

FONTE: As autoras (2020)

Esta pesquisa procura ampliar os estudos de Merriam (1964) e dos outros autores do quadro citado acima, com o intuito de aprimorar o ensino da Língua Inglesa em sala de aula por meio da música como uma ferramenta de ensino-aprendizagem. Vale, portanto, analisar e desenvolver um plano de aula que possibilite aos alunos conhecerem a língua estrangeira em sua amplitude, tanto no que tange aos aspectos linguísticos como aos aspectos socioculturais.

2 A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A designação para a palavra música vem do grego “Mousikê”. Segundo Loureiro (2001), para os gregos a música era importante na formação do ser humano, e, dessa

maneira, deveria ultrapassar o caráter puramente estético. O objetivo do uso da música não era somente para aquisição de conhecimentos, mas principalmente para formar o caráter do indivíduo. Esse fato tornava-a fonte de sabedoria para a sociedade, com uma função mais espiritual do que material, pois buscava uma educação íntegra, baseada não apenas nos livros, mas nas experiências de vida de cada um. Para a autora,

A paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização, ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto por eles como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisavam ser desenvolvidos pelo estudo e pelo exercício. O reconhecimento do valor formativo da música fez com que surgissem, neste país, as primeiras preocupações com a pedagogia da música (LOUREIRO, 2001, p. 36).

Desse modo, a música vem desempenhando um papel de suma importância em relação à conquista de hábitos e valores para a humanidade, por estar presente na história pessoal e coletiva de diferentes grupos. Portanto, ela é uma fonte de cultura e aprendizagem e, neste sentido, a escola, que é uma instituição concebida para o ensino e o local no qual diversas culturas se encontram, deve lançar mão da música como material lúdico essencial para o aprendizado.

O uso da música em sala de aula teve seu início documentado com um experimento do psicoterapeuta Georgi Lozanov (1926 - 2012). Em sua pesquisa, na década de 60, o médico constatou que o uso da música barroca ativava a região direita do cérebro, o que garante a aceleração na retenção de informações, logo o aprendizado torna-se mais rápido.

A música barroca (clássica), com 60 a 70 batidas por minuto, estimula as ondas cerebrais alfa, e é ideal para harmonizar e tranquilizar o corpo e a mente. Desta forma, a música é eficaz para potencializar a capacidade de memorização de informações, a base de todo processo de aprendizagem (MARQUES, 2012).

Na infância, os sons assumem um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem, pois ao explorar um objeto, a criança consegue perceber a existência de uma reprodução sonora ao mesmo tempo em que começa a compreender que existem ritmos e melodias e assim passa a reproduzi-los.

Piaget (1923) propõe que no desenvolvimento cognitivo, a criança constrói uma linguagem egocêntrica, ou seja, ela conversa com um destinatário, porque possui um interesse pessoal e para que essa necessidade de comunicação seja efetivada, ela repete a mensagem e sente prazer em fazê-lo. Pode-se interpretar que essa necessidade de repetição da mensagem permanece durante todo o nosso desenvolvimento cognitivo,

não se limitando à idade infantil, pode ser que ao cantar uma canção a linguagem egocêntrica seja preenchida particularmente pela música.

Krashen (1985) sugere que esta repetição involuntária pode ser a manifestação do “processo de aquisição da língua de Chomsky”. Parece que nosso cérebro tem uma condição natural a repetir o que ouvimos em nosso ambiente para nos habilitar à compreensão. As canções podem fortemente ativar o mecanismo de repetição do processo de aquisição da língua (SÀ, 2011).

Nesse sentido, a música auxilia a criança no seu desenvolvimento cognitivo, aprimorando a imaginação, a atenção, a memória e a linguagem, além de contribuir de maneira eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitam [sic] a comunicação com o outro. Sendo a musicalização compreendida como um ato ou processo de musicalizar, acredita-se na educação musical como parte inseparável do desenvolvimento do ser humano, pois a todo o momento o homem está ouvindo e produzindo sons das mais diferentes naturezas e com ele interage o tempo todo (BARROS; SILVA, 2012, p. 6).

A importância da música no processo educacional está ligada ao fato de promover ao aluno o desenvolvimento de habilidades e comportamentos que expressam sentimentos e emoções e, dessa forma, facilitar o aprendizado. Associar a música ao processo educacional, faz com que o professor tenha que assumir uma postura mais dinâmica e interativa com os alunos. Em vista disso, o processo de aprendizagem acaba se tornando mais prático e animado.

O gênero musical proporciona a oportunidade de conhecer e adotar atitudes críticas sobre quaisquer temas abordados pela canção. Trabalhar com a atividade relacionada à música contribui para que o interesse dos alunos referente ao processo de aprendizagem seja motivado.

A música como forma de aprendizagem tende no meio educacional a formar indivíduo questionador e explorador de seus valores e costumes e para que isso ocorra é necessário começar esse trabalho desde bem cedo, pois a criança necessita de uma aprendizagem diferenciada e alegre. O professor é o mediador nesse processo de aprendizagem e cabe a ele saber trabalhar e desenvolver atividades com música (ANDRADE, 2012, p. 16).

Krashen (1985), em sua teoria sobre a aquisição da segunda língua, propõe cinco hipóteses⁸ que permeiam este processo. A quinta hipótese refere-se ao filtro afetivo que

⁸ As cinco hipóteses defendidas por Stephen Krashen em sua teoria de aquisição da segunda língua são: a Hipótese da Aquisição e Aprendizagem de uma L2; a Hipótese do Monitor; a Hipótese da Ordem Natural; a Hipótese do Input e a Hipótese do Filtro Afetivo

o indivíduo possui e que necessita ser controlado. A motivação intrínseca, a ansiedade e/ou autoconfiança são fatores que desempenham um papel importante no processo de aquisição de uma língua estrangeira. Contudo, caso o indivíduo não consiga equilibrar o filtro afetivo, dificilmente alcançará plenamente a aquisição da nova língua.

A hipótese se baseia na observação de que indivíduos com atitudes positivas em relação à língua estrangeira aprenderão com mais facilidade, pois tendem a buscar mais input- e, por apresentarem um filtro afetivo mais fraco ou baixo, o input recebido penetrará naquela parte do cérebro que é responsável pela aquisição da linguagem (MOLINA, 2017).

Considerando essas informações, é importante que o docente proponha atividades que diminuam o filtro afetivo, caracterizado por Portocarrero (2007) como um bloqueio mental que o aluno apresenta quando se encontra desmotivado, ansioso ou sem autoconfiança em relação ao conteúdo. Esta barreira faz com que ele não consiga compreender completamente a matéria, e, dessa forma, a aquisição da língua é afetada. Portanto, a utilização da música pode ser um recurso de grande importância nesse caso.

A aquisição de uma língua ocorrerá não apenas porque o professor criou um ambiente comunicativo adequado, pois isso, na realidade, não é suficiente, mas sim, e principalmente, porque considerou o aluno uma pessoa completa, com sentimentos, fantasias, problemas, inseguranças; um aluno que possui um mecanismo interno que funciona como um filtro afetivo por onde o insumo (amostras da língua oferecidas pelo professor em sala de aula) pode ser filtrado, e que envolve vários fatores, como a ansiedade, a motivação, a capacidade de risco, etc.) (PORTOCARRERO, 2007, p. 27)

Dessa maneira, o ensino deve contar com algumas características essenciais que proporcionem o bem-estar ao aluno e assim, ajustem o filtro afetivo de modo positivo. Nesse sentido, a sala de aula deve ser um ambiente adequado para que o aluno se sinta acolhido, estabeleça o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e proporcione uma situação social. Para que isso ocorra de modo com que ambos, professor e aluno, saiam satisfeitos, deve haver uma interação entre eles, relacionando culturas diferentes e trocando conhecimentos.

Assim, a língua como processo de comunicação real é fruto de transações reais entre pessoas reais. Isso quer dizer que a interação entre indivíduos que partilham motivações, no mínimo, semelhantes para aprender uma língua estrangeira é parte inquestionável do processo de aprender ou ensinar. Ou seja, no processo, o aprendiz passa de receptor de conhecimento a manipulador e até mesmo criador de processos, por meio do uso da língua num determinado contexto (PORTOCARRERO, 2007, p. 30).

Posto o que foi citado, o benefício proporcionado pela música contempla todas as disciplinas. No entanto, a abordagem precisa ser adequada a cada campo de atuação e o estilo das canções deve ser direcionado a cada grupo de estudantes considerando suas especificidades, especialmente a idade. Segundo Azevedo (2012), é preciso discernir que características a música levada ao aluno deve ter, uma vez que ela deve ir ao encontro do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

De acordo com Leal (2011, p.13), por meio da música o professor pode fazer um breve diagnóstico sobre a habilidade de escuta, atenção e memorização dos alunos, pois é por meio dela que o educador percebe quais são os possíveis pontos fortes e fracos do estudante, “principalmente quanto à memória auditiva, observação, discriminação e reconhecimento de sons, podendo assim vir a trabalhar melhor o que pode estar defasado”. Mesmo diante dos estudos realizados sobre o uso da música como ferramenta pedagógica, de acordo com Vasconcelos et al. (2008), ainda há divergências na prática das atividades, nas quais, por vezes, a música é trazida fora de contexto e, por isso, deixa de possuir um caráter educacional.

O princípio básico para a utilização deste instrumento de ensino em sala de aula é o conhecimento do professor acerca das possibilidades e vantagens que a música promove aos alunos. Ao selecionar um gênero, artista ou canção, o educador deve preocupar-se em atingir os alunos de forma positiva e mostrar o propósito daquele momento para a aprendizagem significativa de determinado conteúdo.

3 A MÚSICA COMO FERRAMENTA NO APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

A partir dos benefícios apresentados a respeito do uso da música no ensino-aprendizagem, umas das áreas que mais aproveitou desses ganhos foi o ensino de línguas. Contudo, ao pensarmos no uso da música para o aprendizado de uma segunda língua, não podemos nos ater somente ao ritmo que relaxa o aluno. As músicas trazidas pelos professores, nas aulas de língua estrangeira, devem conter temas condizentes com o conteúdo trabalhado em sala de aula, e ainda, fazer parte do gosto musical da maioria da turma, para que assim os estudantes sintam-se motivados e o filtro afetivo mantenha-se controlado.

O aluno, além de estar confortável com o processo de ensino-aprendizagem em que se encontra, deve também desenvolver o vocabulário e a gramática de modo favorável para a fixação do conteúdo, para que assim, ele consiga obter o conhecimento de maneira efetiva e condizente com sua realidade social. Nesse aspecto, a música entra

como ferramenta auxiliar, pois, por meio dela, o aluno consegue fixar o conteúdo de maneira lúdica. Os alunos, nas mais diversas faixas etárias, possuem um gosto musical que permite ao professor interagir de maneira a proporcionar um ambiente amistoso e convidativo. Segundo Sá (2011, s/p):

Manter o estudante como o centro das atenções significa que a canção é basicamente usada como um catalisador para propor aos estudantes um recurso que usufruam numa maneira pessoalmente relevante. As canções são usadas para agir no interior do aluno de modo a externar sua linguagem.

Ao dominar as teorias sobre a importância da música nas aulas de Língua Inglesa, o professor dispõe de uma excelente ferramenta que, ao ser usada de modo correto, viabiliza o desenvolvimento das quatro habilidades no ensino de línguas, sendo elas *listening, speaking, reading e writing*. Segundo Gobbi (2001), a música deve ser entendida como os demais textos e explorada a fim de garantir o entendimento da língua em sua totalidade.

Podemos trabalhar a música como trabalhamos um outro tipo de texto, através de tarefas voltadas ao ensino das quatro habilidades de aprendizagem de línguas – produção oral e escrita, compreensão auditiva e leitura, o que favorece a aprendizagem em áreas específicas, como o ensino gramatical, fonológico, lexical, ensino da cultura e literatura (GOBBI, 2001, p.109).

Posto os ideais a respeito das habilidades trabalhadas ao ouvir uma canção durante a aula de Língua Inglesa, podemos elencar, ao menos, dois principais recursos de aprendizagem descritos por Murphey (1990), em Gobbi (2001). Aquele autor, por sua vez, respaldou-se nos estudos do renomado linguista Stephen Krashen (1985), que com a teoria do filtro afetivo e do “input”, colaborou para uma melhor compreensão de como ocorre a aquisição da língua.

O primeiro recurso apresentado por Murphey (1990) é a motivação, já que a música pode colaborar para que os discentes fiquem animados e atentos para participar das aulas. O segundo refere-se a um termo mais técnico da área de aquisição da língua, ou seja, o insumo. Nesse caso, o autor estuda o insumo da linguagem musical, que apresenta simplicidade e pode se equiparar ao discurso do aprendiz. Tal como exposto por Murphey (1990), em Gobbi (2001, p.12):

Por “insumo” entende-se “entrada”, ou seja, o conjunto de informações que atingem um sistema (input). Esse sistema, que é um organismo ou mecanismo, irá transformar as informações de entrada em informações de saída (output). Neste caso, o insumo significa a internalização da linguagem musical pelo aprendiz; a aquisição do novo conhecimento é o processamento, e a aplicação do conhecimento é o output.

Ao conhecer os benefícios cognitivos que a música oferece aos discentes, deve-se ter em mente como colocar essas informações técnicas em prática. Por isso, outro ponto a ser analisado ao introduzir a música em sala de aula é a maneira com que o professor irá abordá-la. Os exercícios relacionados à música podem oferecer atividades capazes de propiciar alívio de tensões causados pela instabilidade emocional, proporcionando situações que desenvolvam o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão do aluno.

O docente deve partir do princípio de que para ensinar a língua inglesa com o auxílio da música, ele não pode simplesmente utilizá-la sem um propósito ou tempo predeterminado para as aulas. O professor deve trabalhar a música como sendo parte de um recurso/material que está presente em seu planejamento.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO PLANO DE AULA NA DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA E A METODOLOGIA DE ENSINO TASK-BASED INSTRUCTION

O plano de aula é uma ferramenta que proporciona ao docente organizar o tema (conteúdo) e os objetivos a serem ensinados em uma aula. Quando preparado corretamente, o plano de aula se torna uma importante ferramenta para o professor, seja esse experiente ou iniciante. Para que isso ocorra, é necessário ter em mente que a parte mais importante de um plano de aula é o aluno.

Segundo Nobre et al. (2016, p. 34) o plano de aula é feito pelo professor para os discentes: *“lesson planning means you respect your learners and you want to be as prepared as possible to provide them with a pleasant and memorable learning experience”*.⁹ Deste modo, o professor de língua estrangeira deve estar atento para que o objetivo proposto para uma específica aula seja trabalhado, compreendido e assimilado pelos alunos ao término dela.

Por isso a importância do planejar. Somente com um conteúdo e um objetivo pré-estabelecido, o professor conseguirá organizar os recursos para lecionar, de maneira que corresponda a faixa etária dos alunos. Outros tópicos também devem ser observados ao planejar uma aula. Nobre et al. (2016) sugerem algumas perguntas norteadoras que podem auxiliar o docente neste processo, tais como:

Why have you chosen this aim? [...] Is it something that your students are able to perform? Is it achievable, or too ambitious? [...] Who are your students exactly? How old are they and how does their age affect their interest,

⁹ “Planejar as aulas significa respeitar os alunos e querer estar o mais preparado o possível para proporcionar uma experiência de aprendizado agradável e memorável” [tradução nossa].

involvement, attention span? How long have they been studying English? What do you know about their learning styles and learning preferences? What are their language needs? What are their affective needs? (NOBRE et al., 2016, p. 35-36).¹⁰

Uma vez que o professor tenha um tema e objetivos a serem cumpridos, o próximo passo é selecionar os materiais e recursos que irão auxiliá-lo a colocar as ideias em prática. Contudo, somente obter essas informações antes de preparar a aula não significa que o docente terá êxito, tal como exposto por Nobre et al. (2016, p. 37) “[...] *The group’s profile needs to be related [...] to the resources and materials, which should therefore cater to the specific learners’ need, helping them achieve the lesson objective more effectively*”¹¹.

Como visto anteriormente, cabe ao docente, mediante a escolha de trabalhar com a música enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem, destinar um espaço específico da aula para isso, ou seja, não é um elemento a mais, mas sim uma atividade pré-planejada. Um plano de aula, seguindo o modelo de Nobre et al. (2016), disponibiliza ao professor os seguintes elementos: nome do professor, série/ano, data, tempo da aula, descrição da classe (quantidade de alunos), objetivos, ferramentas (quadro, livro, retroprojeto, etc.), o que é possível antecipar que os alunos terão de dúvidas ou dificuldades, o que é possível propor como solução desses problemas, o tempo e a interação das atividades, como o professor irá proceder durante as atividades e as ferramentas que ele(a) utilizará em cada etapa do planejamento.

Ao utilizar esse modelo de plano de aula, pretende-se aplicá-lo tendo também como base a metodologia *Task-based Instruction* (TBI), como descrita e explicada por Richards (2006). Resumidamente, a TBI foca em atividades que possuem um objetivo que será desenvolvido em grupos e emprega o uso da língua como ferramenta na resolução desse propósito. De acordo com Richards (2006, p. 30), no caso da TBI, “*the claim is that language learning will result from creating the right kinds of interactional*

¹⁰ “Por que você escolheu esse objetivo? [...] É algo que seus estudantes são capazes de realizar? É possível, ou muito ambicioso? [...] Quem realmente são os seus estudantes? Quantos anos eles têm e como a idade afeta nos interesses, participações e capacidades de atenção? Há quanto tempo eles estão estudando inglês? O que você sabe sobre como eles aprendem e quais são as suas preferências de aprendizagem? Quais são as necessidades linguísticas deles? Quais são as suas necessidades afetivas?” [tradução nossa].

¹¹ “[...] O perfil do grupo precisa estar relacionado [...] aos recursos e materiais que devem, portanto, suprir as necessidades dos estudantes, auxiliando-os a atingir o objetivo da aula de maneira mais eficaz” [tradução nossa].

processes in the classroom, and the best way to create these is to use specially designed instructional tasks”¹².

Ao contrário das atividades de fixação tradicionais realizadas pelos professores em sala de aula, após expor primeiramente as regras básicas da gramática, o TBI proporciona ao discente realizar a atividade por meio de uma interação motivadora em grupos com o auxílio necessário, mas não constante, do professor, que dará as instruções e o tempo para que aqueles discutam entre si e tomem a responsabilidade do próprio aprendizado em sala de aula.

Willis (1996), outro estudioso dessa metodologia de ensino, argumenta que as atividades sejam um reflexo do que ocorre no “real-world”, ou seja, no mundo real onde a língua Inglesa é a língua materna. Para tanto, ele propõe seis tipos de atividades bases que compreendem as características do TBI. Essas atividades correspondem a trabalhos em duplas ou em grupos das quais os alunos devem escrever uma lista sobre o que seriam as férias perfeitas, comparar anúncios publicitários e expor as diferenças entre eles, discutir e compartilhar assuntos sociopolíticos, sabendo expor sua própria opinião e respeitando a dos colegas, entre outros exemplos.

Essas atividades não são para o aprendizado da língua Inglesa desconectada do mundo, mas sim, para que os alunos percebam e aprendam a se comunicar nos diferentes nichos sociais utilizando dessa língua mundial. Willis (1996) propõe, nessa mesma linha de raciocínio, aplicar as atividades do TBI em sala de aula realizando as seguintes etapas:

Pre-task activities: breve introdução sobre a atividade, qual seu tema principal e objetivos. Pode-se fazer isso por meio de uma *brainstorming*, de mímica, por uso de imagens/gravuras ou uma experiência pessoal compartilhada pelo professor que elucide a atividade. Os discentes em seguida realizarão uma *pre-task* (por exemplo, um jogo baseado em tópicos ou o da palavra intrusa) da qual o professor auxiliará com vocabulário, mas não dando ênfase a estrutura sintática da fala dos alunos. Para cada atividade, deve-se estipular o tempo para que os discentes a executem.

Task cycle: a prática das atividades ocorre em três etapas. Primeiro a própria *task* que os alunos foram instruídos previamente pelo professor. Nesse momento os alunos terão um tempo estipulado para conversarem de maneira espontânea, o professor somente estará perto para auxiliar no que tange às necessidades linguísticas dos alunos, como dúvida de um específico vocabulário. O docente deve ter em mente que o que

¹² “A alegação é de que o aprendizado da língua resultará da criação dos tipos corretos de processos interacionais na sala de aula, e a melhor maneira de criá-los é usar tarefas instrucionais especialmente projetadas” [tradução nossa].

realmente importa são os alunos comunicando entre si de maneira a entenderem uns aos outros, questões gramaticais não são exigidas em sua perfeição. O professor deve, da melhor maneira possível, continuar incentivando os alunos a conversarem e participarem da realização da atividade.

A segunda etapa é o *planning*. Esse é o momento em que os grupos planejarão apresentar para toda a turma o que eles realizaram da atividade, seja de forma oral ou escrita. O professor poderá fazer comentários e explicações gramaticais para que o grupo, agora já confiante e descontraído, possa aprender aspectos linguísticos mais regrados da Língua Inglesa. O docente deve ter em mente que deve realizar as correções de forma a não desencorajar ou intimidar o aluno, mas sim reforçar o que ele(a) quis dizer de forma mais coerente com a gramática usual da língua.

A terceira e última etapa do *Task cycle* é o *report*. Os discentes, agora já orientados pelo professor, compartilharão com a turma a atividade deles, de maneira clara, breve e sucinta. Enquanto um grupo expõe o trabalho os outros alunos devem ser orientados para anotar informações interessantes, podendo abrir espaço para comentários sadios e coerentes com o tema da atividade. O professor conclui a aula com comentários sobre o desenvolvimento da turma, mas apresenta, somente se achar necessário e importante, questões de correção linguística de maneira geral, sem expor o grupo ou aluno.

Language Focus: após conhecer as dificuldades linguísticas dos alunos o professor realizará um momento de *analysis*, ou seja, trabalhará com atividades com o foco na língua, englobando todo aspecto semântico, sintático, morfológico e de pronúncia, focando naquele tópico que os alunos apresentaram e que deve ser revisado ou ensinado pelo professor. O aluno deve aprender a língua a partir do que ele demonstrou não conhecer ou ter dúvida no registro oral e/ou escrito. Depois de conhecer os problemas e dúvidas linguísticas dos alunos, o professor pode preparar aulas com base em atividades que requeiram deles as informações trabalhadas anteriormente, para que assim, as dificuldades linguísticas sejam sanadas e os discentes possam progredir com o aprendizado da Língua Inglesa.

4 COMPOSIÇÃO DO PLANO DE AULA

Ao adotar a utilização de um plano de aula bem estruturado, no qual a música possui objetivos e funções pré-determinados, o professor antecipará as possíveis dificuldades da turma e norteará os procedimentos, a fim de que não haja dispersão ou desvio do objetivo da aula. Para isso, a metodologia de ensino, *Task-based Instruction* de Richards (2006) e Willis (1996) possibilita organizar as atividades que se pretende aplicar aos alunos.

Tal como no plano de aula, que possui uma direção e ordem para serem colocados os passos de como proceder com os alunos, o TBI nos concede essa mesma organização de forma a detalhar cada parte da atividade. Para professores iniciantes, esta metodologia de ensino concede mais segurança na hora de preparar o plano de aula, pois permite ter uma visão ampla (do começo ao fim da aula) ao mesmo tempo que é específica com o andamento das atividades. No entanto, cabe ao professor ponderar acerca de qual forma de planejamento atende melhor aos objetivos estabelecidos. Deve-se levar em consideração que para o aprendizado efetivo, o discente precisa alinhar a meta de aprendizado com o tempo que disponibilizará aos estudantes.

Uma vez que o foco na elaboração do plano de aula, segundo Nobre et al. (2016), deve ser sempre o aluno e o seu desempenho durante o processo de aprendizagem, o uso de uma sequência didática para o todo do processo busca evitar a repetição desnecessária das informações e a clareza na explicação das atividades, que ocorreram progressivamente durante o projeto que será desenvolvido. O plano de aula, neste caso, foi elaborado a fim de sintetizar as ideias que serão desenvolvidas na aula, em conjunto com a teoria *Task Based Instruction*. Nele, além das informações mais relevantes acerca da turma, encontramos os objetivos de aprendizagem a ser alcançados, e a relação entre esses e a TBI. A partir da disposição das informações, bem como a forma concisa de apresentação, os tópicos facilitam o planejamento de forma a proporcionar aos alunos um aprendizado mais eficiente.

A sequência didática elaborada para este projeto, cujo tema é “A música como ferramenta de ensino-aprendizagem na Língua Inglesa”, tem como objetivo de aprendizagem o desenvolvimento das habilidades de *listening* e *speaking* da turma, por meio de conteúdos trabalhados a partir de jogos musicais, nos quais os alunos terão contato com a língua alvo e devem compreender palavras e construções específicas, bem como sotaques distintos. A escolha do tema se relaciona ao proposto pela BNCC no que tange ao campo da vida pública, com enfoque na leitura/escuta, contudo, seu objetivo contempla, ainda, práticas de oralidade.

(EF12LP07) Identificar e (re)produzir, em cantiga, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, rimas, aliterações, assonâncias, o ritmo de fala relacionado ao ritmo e à melodia das músicas e seus efeitos de sentido (BRASIL, 2017, p. 105).

Ao planejar a aplicação da sequência didática em instituições públicas de ensino, buscou-se adaptar os materiais necessários a fim de que sejam condizentes com a realidade de tais espaços educacionais. Para tanto, é indicado a utilização de um computador e projetor, para que os alunos possam assistir aos vídeos tomados como

exemplo da atividade a ser realizada; quadro, giz, apagador; folhas de papel para colocar em prática os jogos e uma caixinha de som para reproduzir as músicas. Caso os materiais para a reprodução dos vídeos e músicas não possam ser encontrados, eles podem ser baixados em um pen drive e reproduzidos na televisão disponível em sala de aula ou levados em um notebook. Além do que, quando e se possível, vê-se interessante o uso de acessórios que podem ser trazidos de casa pelos alunos ou pela professora e, que caracterizam o espaço no qual a atividade será desenvolvida, tal como acontece nos programas de *Talk Show* apresentados.

A sequência didática permite a visualização do projeto enquanto unidade, embora as etapas possuam duração e recursos previamente demarcados. O tempo estimado necessário para aplicação, avaliação e *feedback* deste projeto é de três aulas, sendo uma aula de quinze minutos e duas aulas geminadas, de cinquenta minutos cada, totalizando cento e quinze minutos. A divisão das aulas em etapas, visível na sequência didática, favorece a correspondência entre ela e a metodologia *Task-based Instruction* (TBI), defendida por Richards (2006) e Wills (1996), como recurso de aproximação entre o aluno e o que está sendo proposto pelo professor, uma vez que ao construir o saber, a fixação desse conhecimento torna-se efetiva.

O primeiro momento do projeto corresponde a primeira aula na qual os professores terão contato com os alunos, esse momento consiste na apresentação da proposta de aplicação da sequência didática, estágio no qual ocorre o *Pre-task activities*. Para tanto, serão utilizados 15 minutos, ao final da aula da professora regente da turma, para que os alunos, uma vez cientes da atividade a ser desenvolvida na aula seguinte, elenquem suas músicas favoritas (em língua Inglesa) e artistas (de qualquer nacionalidade), para que assim os jogos sejam elaborados a partir do repertório musical dos alunos. Ressalta-se nessa etapa a proibição de músicas que apresentem vocabulário de baixo calão, bem como apologias. Em seguida, os alunos serão orientados sobre os detalhes da atividade e, para que estejam preparados e não apreensivos sobre o procedimento, assistirão trechos breves de como os jogos funcionam na prática.

No encontro seguinte, os alunos serão dispostos, já no início da aula, em grupos de três a quatro integrantes. A intenção é que, quando possível, a sala seja organizada a fim de recriar o ambiente dos programas de *Talk Show* de James Corden e Jimmy Fallon. Com a sala já ambientada e os alunos organizados em seus respectivos grupos, eles serão lembrados de como as atividades irão funcionar por meio de trechos dos programas de *Talk Show*. Além disso, eles irão assistir alguns vídeos que apresentam artistas de diferentes nacionalidades e seus respectivos sotaques para que dessa forma estejam ambientados aos diferentes modos de falar da língua Inglesa em diversos países. Nesse momento da aula, ocorre a primeira etapa do *task cycle*, no qual os

alunos devem interagir entre si, sanando eventuais dúvidas com o professor. Feito isso, cada equipe receberá, por sorteio, uma das atividades musicais para iniciar. No decorrer da aula, será feito um revezamento e todas as equipes participarão de todas as brincadeiras propostas.

Durante a realização das atividades, ocorrem as etapas de *planning* e *report*, já que, em grupos, os alunos planejam a apresentação com base no que lhes foi sorteado e a executam frente a turma. Na primeira atividade musical, os alunos receberão o nome de uma das músicas, previamente escolhida por eles, e um cantor. A proposta para esse jogo é que a performance se aproxime, o máximo possível, daquela apresentada pelo cantor sorteado. A segunda atividade consiste na dublagem da música aliada a dança. O próximo desafio é descobrir a qual nacionalidade a música pertence, baseando-se no sotaque do artista. Para quarta, e última atividade, os alunos receberão uma música e deverão cantá-la em dueto com o artista. Durante todo o momento da execução do jogo os alunos estarão sendo avaliados, portanto, a participação de todos é imprescindível.

Além da avaliação em conjunto, realizada durante toda a aplicação da atividade, ao final dela, cada aluno será avaliado individualmente no que diz respeito a pronúncia e compreensão na língua alvo. Nesse momento, ocorre o *Language Focus*, ocasião na qual, com base no desempenho dos alunos, o docente realiza apontamentos pertinentes à gramática e estrutura da língua em geral. Para avaliação do *speaking*, em duplas, os estudantes receberão um envelope com alguns trechos das músicas trabalhadas até então, em seguida, eles devem posicionar esses trechos de forma com que eles formem um diálogo e ao finalizarem, eles deverão realizar a leitura do trabalho elaborado, podendo ser pronunciado no ritmo de cada música ou apenas focando na pronúncia de cada vocábulo.

No que diz respeito ao *listening*, os alunos serão perguntados acerca de aspectos desenvolvidos durante o jogo, por exemplo, a nacionalidade de determinado artista, ou uma de suas canções mais conhecidas. Os alunos devem responder a essas perguntas como forma de demonstrar a compreensão adequada de perguntas realizadas na língua alvo. Após o término dos jogos, alunos e professores formarão uma roda de conversa na qual todos poderão expor as experiências obtidas durante a tarefa e ouvir a opinião dos colegas, podendo concordar ou não com eles.

Por fim, a partir da avaliação individual, poderá ser afirmado com mais clareza os ganhos obtidos com a aplicação da sequência didática e, com base nisso, adequar possíveis melhorias em relação ao trabalho com as habilidades de *listening* e *speaking*. A roda de conversa também é uma importante ferramenta, uma vez que por meio dela pode se obter um *feedback* sobre o resultado dessa atividade para os alunos, bem como as opiniões deles a respeito desse tipo de trabalho em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos bibliográficos e da sequência didática apresentada, sendo posteriormente ilustrada sinteticamente em um plano de aula, conclui-se que a música, de fato, quando aplicada como uma parte pré-planejada de uma aula para ensinar Língua Inglesa, pode contribuir com um ambiente favorável e amistoso para o ensino, para o aprendizado da língua aplicada no mundo real e para o ensino do idioma compreendendo todas as suas características linguísticas – dando foco, neste artigo, o trabalho com as habilidades de *listening* e *speaking*.

Dentre as vantagens que a música traz aos estudantes, podemos elencar o incentivo à interação em sala de aula como um dos mais importantes. Uma vez que no momento em que ouvem a música eles têm a oportunidade de interagir com os colegas e tornar o ambiente da sala mais leve e descontraído. Essa prática em sala de aula vai ao encontro da teoria apresentada por Krashen (1985), que argumenta que o filtro afetivo do aluno deve estar baixo, para que assim ocorra a aquisição da segunda língua.

A música contribui para que os discentes se sintam bem e animados para participarem das aulas e, de maneira consciente ou não, usufruam da língua Inglesa para cumprir com as atividades propostas. Além do fator da interação, a música traz o benefício de compartilhar o Inglês do mundo real, ou seja, aquele que os falantes nativos utilizam de forma natural e não como apresentada em partes separadas de um livro didático, para que os discentes aprendam somente à qual regra gramatical pertence tal frase. A letra da música, quando utilizada pelo professor, pode ensinar muito da cultura e dos costumes daquela nação.

O aprendizado da língua vista nessa perspectiva permite que o aluno tenha sua visão de mundo ampliada pelas ideias presentes na *lyrics*. Dá-se, então, a necessidade de o professor saber guiar a leitura para complementar o ensino da língua, filtrando músicas que estejam de acordo com a faixa etária dos alunos e da maturidade que a turma, como um todo, apresenta durante as aulas. Por meio desse critério, a proposta elaborada neste artigo partiu de uma sequência didática embasada nos direcionamentos de Nobre et al. (2016), Richards (2006) e Willis (1996), acerca dos componentes essenciais do plano de aula e do uso da metodologia *Task-based Instruction*, respectivamente.

Ao trabalhar com os alunos a Língua Inglesa por meio de jogos interativos, baseados em famosos *Talk Shows* estrangeiros, acredita-se que o professor coloca em prática os elementos essenciais defendidos pelos autores já citados, a saber: o uso da música pré-planejado para a aula e a construção coletiva do conhecimento partindo do aluno e contando com o apoio do professor. Esse conhecimento pode ser tanto na visão cultural da língua quanto em seus aspectos linguísticos.

A música é uma forma de comunicação, e tal como uma linguagem, exige o conhecimento das regras linguísticas que a norteiam, sejam elas da ordem de estrutura das sentenças ou da pronúncia dos vocábulos. Felizmente, a música traz todos esses elementos em um único gênero textual, o que permite praticidade para o professor – trabalhar um texto suprimindo as necessidades linguísticas a serem ensinadas para os discentes. Tendo em consideração essas características essenciais da música, a elaboração da sequência didática norteada por pressupostos de organização e planejamento propostos por Nobre et al. (2016) aliada à metodologia *Task-based Instruction*, defendida por Richards (2006) e Willis (1996) pressupõe a aplicação do projeto em turmas da rede pública de ensino, onde, na maioria das vezes, o aprendizado é limitado por falta de recursos financeiros e governamentais.

Com a execução da sequência didática, será possível avaliar os aspectos positivos, bem como aqueles que precisam ser melhorados em relação ao uso da música como ferramenta de ensino e aprendizagem em sala de aula. Ao analisarmos esses resultados, será possível também traçar novos planos de aulas que incentivem a utilização da música nas aulas de Língua Inglesa de modo planejado e condizente à realidade dos alunos.

Posto isso, por meio desta pesquisa e sugestão de aula, podemos considerar o sucesso do projeto, uma vez que utilizamos de um recurso que está ao alcance de professores e discentes. A música está constantemente presente em nossas vidas – seja por nossa própria escolha de ouvir uma *playlist* ou ao ouvir um jingle no supermercado. Usufruir da música em sala de aula permite ampliar nossa visão de que sim, ensinar uma língua estrangeira é ensinar uma cultura, é sedimentar conhecimentos linguísticos, é ir além do que a fala tradicional em sala permite o professor ser e ensinar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Rejane Endler de. A música como instrumento de aprendizagem na educação infantil. *Ágora*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4224466-A-musica-como-instrumento-de-aprendizagem-na-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BARBOSA, Carlos Eduardo Amaral. Música e educação: contribuições da prática musical para o processo de formação do indivíduo em ambiente escolar. *SOS Pedagogia*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 1- 12, 2017. Disponível em: <https://www.pedagogia.com.br/artigos/musica_educacao_contribuicoes/index.php>. Acesso em: 27 out. 2019.
- BARROS, Maria de Lourdes Machado; SILVA, João Paulo Barros. Música na escola: um caminho para a aprendizagem. *Educação*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 12-24, 2012. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/files/journals/6/articles/2117/submission/review/2117-6332-1-RV.docx>>. Acesso em: 19 out. 2019.
- BELARMINO, Erivaldo dos S. A importância da inserção de músicas no ensino-aprendizagem de língua inglesa. In: ENSINO DE APRENDIZAGEM DE LINGUA INGLESA, 7., São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2016. p. 78-90. Disponível em: <<http://www.abrapui.org/anais/PosterLingua/3.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2019.
- BONATO, Denise de Melo. **A utilização da música como método de aprendizagem de língua inglesa**. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UTFPR, 2016. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4807/1/MD_EDUMTE_VII_2014_33.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.
- BRASIL. Comitê Gestor da Base Nacional Comum Curricular e Reforma do Ensino Médio. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: Coordenação de edições Técnicas, 2017.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 378 p.
- FREIRE, Vanda Bellard. **Música e sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música**. 2016. 198 f. Tese (Doutorado em Educação – USP, 2016. Disponível em: <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Tese_Vanda_Freire-Musica_e_sociedade.pdf>. Acesso em: 01 out. 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3066/000331440.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2019.
- GOMES, Simone Lima. **O uso de canções como ferramenta pedagógica para o ensino crítico da Língua Inglesa: uma experiência nas aulas de inglês**. 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10486/3/2012_SimoneLimaGomes.pdf>. Acesso em: 06 set. 2019.

JARDIM, Antonio. **A produção musical e o ensino da música**: um estudo filosófico. 1988. 199 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1988.

KRASHEN, Stephen. **The Input Hypothesis**: issues and implications. New York: Longman, 1985.

LEAL, Renata Cristina M. da Fonseca. **A música na educação infantil**. 2011. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/graduacao/P00351.pdf>. Acesso em: 30 de set. 2019.

LOUREIRO, Alcía Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas: Papirus, 2003.

MARQUES, José Roberto. **Lozanov e a aceleração do aprendizado**. São Paulo: IBC, 2017. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/lozanov-aceleracao-aprendizado>>. Acesso em: 30 set. 2019.

MERRIAN, Alan Parkhurst. **The Anthropology of music**. Michigan: Cengage, 2018. Disponível em: <http://www.posgrado.unam.mx/musica/lecturas/etno/complementarias/Merriam%20Alan-The_Anthropology_of_Music-1.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

MOLINA, Lucidalva Martins. **Stephen Krashen**. 2017. Disponível em: <<http://www.doneforyou.com.br/stephen-krashen>>. Acesso em: 28 out. 2019

NOBRE, Vinicius; PONTES, Catarina. **Getting into teacher education**: a handbook. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Significado de “integração”**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/integra%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 11 out. 2019.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Significado de “música”**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/m%C3%BAsica>. Acesso em: 27 out. 2019.

PORTOCARRERO, Deborah. **Equação afetiva entre os filtros do professor e dos alunos no processo de ensinar e aprender LE (inglês)**: um estudo de caso. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3003>>. Acesso em: 22 de out. 2019.

RICHARDS, Jack C. **Communicative language teaching today**. Cambridge, Cambridge University Press, 2006. Disponível em: <<https://www.professorjackrichards.com/wp-content/uploads/Richards-Communicative-Language.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020

SÁ, Edmilson José de. A importância da música e da canção na aprendizagem de uma língua. **Revide**, nov. 2012. Disponível em: <<https://www.revide.com.br/blog/renata-carone-sborgia/importancia-da-musica-e-da-cancao-na-aprendizagem->>. Acesso em: 28 de out. 2019.

TAKATSU, Mayra Mika. **Arte, educação e música**. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2016. 66p.

VASCONCELOS, Mário Sérgio; BERTO, Carlos Eduardo de Oliveira; LUCCHESI, Fernando Del Mando. Interações e interlocuções na educação infantil: atividades lúdicas e reflexivas com recursos musicais. In: PINHO, Sheila Zambello de; OLIVEIRA, José Brás Barreto de (Org.). **Núcleos de Ensino da Unesp**. São Paulo: UNESP, 2017. Disponível em: <<http://unesp.br/Home/prograt/livro-2008.PDF>>. Acesso em: 30 set. 2019.

WIORA, Walter. **Les quatre âges de la musique**. Paris: Petite Bibliotheque Payot, 1961.

ANEXO A – PLANO DE AULA

Professora: Isabela Kerber Ribeiro	Data:	
Ano: 2ª série do ensino médio	Tempo de aula: 100 min	Cronograma:
Descrição da turma:		
Objetivos: No final da aula, os alunos serão capazes de compreender e pronunciar melhor construções em inglês.		
Material didático: Computador, projetor, quadro, giz e apagador.		
Eu antecipo que os alunos podem/terão problemas com:	Para resolver/ evitar esses problemas, planejei:	
Pronúncia: Os alunos podem ter dificuldades em pronunciar algumas palavras das músicas.	Encorajar os alunos a pronunciarem como sabem e depois repetir a palavra da maneira correta	

PLANO DE AULA

TEMPO + INTERAÇÃO	OBJETIVOS/ATIVIDADES	PROCEDIMENTO	Material didático
Professora → Alunos 10'	Introdução e apresentação – Apresentar jogos característicos de Talk shows para os alunos. Como a exemplo do Carpool Karaoke: https://www.youtube.com/watch?v=5HhLCY-pyWo E do Lip Sync Battle: https://www.youtube.com/watch?v=jPCJIB1f7jk	Um por um, apresentar as atividades que serão feitas com os alunos e em seguida mostrar um vídeo para uma melhor compreensão.	Youtube
Interação com a turma 40'	Prática – Dividir os alunos em grupos e jogar.	Pedir para que os alunos se dividam em grupos de 3/4 e começar a jogar, cada grupo participara de uma atividade por vez e todos participarão de todas as atividades.	Youtube
Professora → Alunos 20'	Avaliação – Avaliar o que os alunos aprenderam com as atividades.	Em duplas, os estudantes receberão um envelope com alguns trechos das músicas trabalhadas até então, em seguida, eles devem posicionar esses trechos de forma com que eles formem um diálogo e ao finalizarem, eles deverão realizar a leitura do trabalho elaborado, podendo ser pronunciado no ritmo de cada música ou apenas focando na pronúncia de cada vocábulo.	Folha de atividade
Professora → Alunos 20'	Finalização – Roda de conversa.	Será realizada uma roda com os alunos para que eles possam relatar como foi a experiência de uma aula dinâmica com músicas e o que isso afetou no aprendizado da língua Inglesa para eles.	Nenhum

REFERÊNCIAS

Carpool Karaoke Compilation (Best Moments). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HhLCY-pyWo>
Lip Sync Battle - Tom Holland. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jPCJIB1f7jk>

RICHARDS, Jack C. **Communicative Language Teaching Today**. Disponível em: <https://www.professorjackrichards.com/wp-content/uploads/Richards-Communicative-Language.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

Músicas escolhidas a partir da lista passada em sala para os alunos.